

Tempo de Incerteza ou Tempo de Oportunidades? Precisamos de um Internato de Cinco Anos?

Time of Uncertainty or Time of Opportunity? Do We Need a Five-Year Internship?

<https://dx.doi.org/10.25751/rspa.20495>

O aumento atual da abrangência da nossa especialidade, saindo do bloco operatório para a responsabilidade em diferentes áreas (medicina do peri-operatório, cuidados intensivos, medicina de emergência e abordagem da dor), obriga a uma formação mais exigente e a aquisição de competências de forma holística, na vertente médica, académica e até humanitária. Apenas desta forma se pode garantir a qualidade dos cuidados. Como a qualidade dos cuidados prestados pelos médicos especialistas está diretamente relacionada com a qualidade do ensino obtido durante a formação, o Internato de Formação Específica Anestesiologia (IFEA) é um ponto relevante no estado da Anestesiologia em Portugal. Pretende-se, portanto, responder à questão colocada, reservando-se para outra oportunidade considerações relacionadas com a avaliação final do internato ou a formação após a especialidade.

O IFEA, atualmente com cinco anos de duração, encontra-se dividido em duas partes, uma que inclui as valências nucleares, (como a Anestesiologia para Cirurgia Geral/Ginecologia, para Ortopedia, Cirurgia Plástica e Reconstrutiva, Obstetrícia, Anestesia Fora do Bloco, Ambulatório, Dor Aguda, etc.) e um segundo módulo, de 36 meses, para consolidação da aquisição de competências nucleares e aquisição de competências específicas, com as restantes valências organizadas por ordem facultativa. Inclui, também, seis meses de estágios opcionais obrigatórios. Durante este programa formativo, os médicos internos adquirem competências de forma progressiva, até poderem, no último ano, desempenhar funções como equiparados a especialistas.

O formato atual, apresenta vantagens evidentes em relação ao modelo anterior de quatro anos. O aumento da duração do internato permitiu alargar o estágio de Cuidados Intensivos de seis para nove a doze meses. Desta forma, para além de prolongar a sua formação em Unidades Polivalentes ou Pós-Cirúrgicas, os médicos internos podem aprofundar os seus conhecimentos em áreas mais específicas, como em neurocríticos, doentes coronários, grandes queimados ou outras áreas de interesse. O aumento da duração do estágio e o contributo da formação nas diferentes áreas da Medicina Intensiva, é uma mais valia formativa, como evidente no período de pandemia que ainda vivemos. A introdução curricular de seis meses de estágios opcionais obrigatórios permite uma maior flexibilidade da formação e a possibilidade de aprofundar conhecimentos e competências em áreas de particular interesse para os médicos internos, individualizando a formação.

Realça-se, a importância dada no atual modelo do IFEA a questões não técnicas, como a comunicação, a liderança, o trabalho de equipa, o estabelecimento dinâmico de prioridades, aspetos muitas vezes subvalorizados e fundamentais para a qualidade dos cuidados prestados e para a segurança do doente.

No entanto, a constante evolução da medicina, torna importante o reforço de determinadas áreas que são abordadas numa fase precoce da formação do IFEA. Refiro-me à aprendizagem de técnicas regionais, iniciada no estágio de Anestesiologia para Ortopedia, um dos primeiros do internato. Por ser uma competência essencial, com vantagens inequívoca, e pela sua abordagem numa fase inicial do internato, em que inúmeras competências básicas estão ainda por adquirir, justifica-se um tempo próprio para a sua aprendizagem e consolidação. A formação em Anestesia Fora do Bloco Operatório deverá também ser repensada. Trata-se de uma área em constante expansão, com a realização de técnicas cada vez mais diferenciadas em diferentes vertentes da medicina (Cardiologia, Neurorradiologia, Pneumologia, Imagiologia, etc.) com abordagens anestésicas específicas, devendo o seu ensino ser reforçado.

Autor Correspondente/Corresponding Author:

Mafalda Ramos Martins

Morada: Serviço de Anestesiologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, Praceta Prof. Mota Pinto, 3000-075 Coimbra, Portugal.

E-mail: mafalda.c.martins@gmail.com

Face à nossa integração na União Europeia e com a saída de Anestesiologistas para países estrangeiros, a secção de Anestesiologia da União Europeia de Médicos Especialistas (UEMS) definiu standards relacionados com a formação na área da Anestesia. A desejada uniformização da formação em Anestesiologia em toda a Europa, surge como a garantia da qualidade formativa, da aquisição de competências essenciais, da elevada qualidade dos cuidados prestados e da segurança do doente. Foram definidas pela UEMS áreas gerais de conhecimento e competências “core” a adquirir e treinar até à sua execução de forma independente. É recomendado o recurso à simulação como ferramenta de ensino de competências técnicas e não técnicas (comunicação, liderança, trabalho de equipa). O ensino deve ser baseado na aquisição das referidas competências e na sua aplicação clínica, em vez de números absolutos de técnicas realizadas. Face às competências essenciais associadas à Anestesiologia, a duração da formação recomendada nesta área pela UEMS é de cinco anos com um ano de Cuidados Intensivos. A UEMS recomenda também a garantia da qualidade de ensino ministrado, com a formação dos tutores (“teach the teachers”), a acreditação dos Centros pelo *Hospital Visiting and Training Accreditation Programme* (HVTAP) e a realização do exame europeu pelos internos (EDAIC).

Comparando o IFEA atual e os requisitos recomendados pela UEMS, verificamos que cumprimos a sua maioria. Há centros formativos creditados pelo HVTAP e outros em processo de acreditação. São realizados cursos de formação aos tutores (“teach the teachers”), cada vez mais internos realizam com sucesso o EDAIC e a composição do internato cumpre as recomendações europeias, quer no que respeita ao seu conteúdo quer quanto à sua duração. Torna-se difícil o ensino baseado em competências, mantendo-se a “corrida aos números”, aspeto importante e difícil de alterar.

Pelo exposto, relativo ao internato de formação específica e às recomendações europeias relacionadas com a formação em Anestesiologia, e respondendo à questão colocada, precisamos SIM de um internato com cinco anos, com a duração do estágio de Cuidados Intensivos de nove a doze meses, apenas com ligeiros ajustes na sua composição.

Palavras-chave: Anestesiologia/educação; Internato e Residência

Keywords: *Anesthesiology/education; Internship and Residency*

Autor:

Mafalda Martins - Coordenação do Internato de Anestesiologia do Serviço de Anestesiologia, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Não comissionado; revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer reviewed.

ORCID

Mafalda Martins - <https://orcid.org/0000-0002-6949-1106>

Submissão: 30 de junho, 2020 | **Received:** 30th of June, 2020

Aceitação: 30 de junho, 2020 | **Accepted:** 30th of June, 2020

Publicado: 30 de junho, 2020 | **Published:** 30th of June, 2020

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) Revista SPA 2020. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

© Author(s) (or their employer(s)) and SPA Journal 2020. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.